

Senhor D. Gabriel de Sousa

CORO alto da Igreja de S. Bento da Vitória — ao tempo, eram ali, em sala adjacente, as recollections da JUC. Dirigia-as um monge beneditino que, na primeira em que participei, me assustou pela quietude da sua postura, pela mansidão da sua voz, pelo escondimento, quase, da sua pessoa. «Ai que vou adormecer num instante — pensei eu. Vergonha minha!» O susto, porém, passou depressa. Num instante, sim, já eu estava preso do encanto do seu falar: substância e forma. E até o esforço para não perder palavra, a vontade de captar todo o pensamento transmitido, tornavam a vigília fácil, espontânea, apetecida.

Não posso chamar conhecimento a este encontro, a que se seguiram muitos semelhantes, sempre desejados, ao longo de dois anos lectivos. Ele era um homem na pujança da vida, com uma dúzia de anos de sacerdócio e eu um estudante anónimo no meio de vários outros.

Falei-lhe ao principiar o Verão de 1948, ainda em S. Bento da Vitória, aonde fui pedir a graça de uma estadia em Singeverga. Mas o nosso conhecimento aconteceu depois que cheguei a Paço de Sousa já ordenado padre. Só então soube do seu parentesco com Pai Américo. E de novo, mercê sua, agora Abade do Mosteiro, experimentei a hospitalidade de Singeverga onde os nossos rapazes fizeram Retiro durante vários anos.

Mas foi, sobretudo, o tempo que durou a fase diocesana do Processo de Beatificação de Pai Américo que ele, em nosso nome, postulou, a ocasião da nossa convivência mais íntima.

«Ando pr'aquí a tratar da santidade de outros» — gracejava ele. «Praza a Deus não me vá esquecer da minha...!»

Não, não esqueceu. O seu dom foi mesmo trabalhar na santidade de outros, fosse a glorificação dos que viveram e morreram em tal odor, fosse a edificação deia em tantos mais, empenhados e arriscados na «milícia que é a vida sobre a Terra» — e exercendo-o estava a trabalhar na sua.

A sabedoria, a ciência, a serenidade que dele emanavam vão fazer-me falta. Mas, se enquanto cá, na limitação da carne, na partilha por tantos da sua solicitude, pudemos experimentar o bafo carinhoso que, do primo Pai Américo, ele estendeu aos seus filhos — como não será de LÁ?!

Na esperança fundada de que Deus o tem consigo, guardamos nós sua memória com muito afecto e muita gratidão.

Padre Carlos



Aeroporto da Portela, 7 de Outubro de 1952. O Senhor D. Gabriel de Sousa (à direita) com Pai Américo — que regressava da sua viagem a África.

SETÚBAL

O drama dos Pobres intui-se

UMA Assistente Social telefonou, várias vezes, naquele dia, insistindo na necessidade de falar comigo. Sem resultado. Não faço vida de gabinete e, por isso, durante as horas normais de trabalho eu tenho de estar nele — no trabalho dos rapazes e onde eles se ocupam.

A senhora estava interessada, sofrida. Só assim entendo esta profissão que deve

ser sempre uma missão.

Telefonou de sua casa, à sua conta, na sua hora. Era um menino de Setúbal!... Ora, esta Casa é de Setúbal. Têm aqui os primeiros lugares, os filhos desta cidade. Com toda a justiça.

— Amanhã, às dez horas, encontramos-nos em tal sítio e vamos ver.

É a prática de sempre. Não entra, nesta Casa, ninguém sem eu ir ver. Os relatórios,

as recomendações, as queixas e os pedidos tantas vezes escondem mais do que revelam. Além disso, os quadros vivos e sentidos gravam-se no nosso coração de forma indelével. Fica logo feita a ficha do rapaz. Não precisamos mais de a consultar. Quando olharmos para ele vemos tudo imediatamente.

O bairro enorme de casas iguais é

Continua na página 4

BENGUELA

Fidelidade às normas das Casas do Gaiato

QUEM me dera ter lugar para receber mais rapazes. É verdade, as comunidades não devem ser muito grandes, nas Casas do Gaiato. Quanto maiores, mais difícil o seu acompanhamento. Mas, é muito forte a pressão a que estamos sujeitos para acolher garotos em situação difícil!

A família, onde existe, vê-se a braços para aguentar o choque dum sociedade gravemente ferida nos valores que equilibram a pessoa. O «salve-se quem puder e como puder» é regra vulgar de conduta social. As crianças são a parte mais vulnerável, com os vícios a entrar na estrutura da sua pessoa em construção. Se faltam as colunas e os pontos de referência seguros, não são curadas a tempo e horas. A

sociedade continuará mergulhada num ambiente moralmente doentio. Por isso, a Casa do Gaiato é procurada como tábua de salvação para muitos destes filhos. Uns têm um pouquinho de família, outros não têm ninguém.

Outros pontos de referência

Para além da família natural, primeira coluna que abraça os filhos, fazem falta outros pontos de referência e de apoio: Lares a funcionar como acolhimentos provisórios, pontos de passagem em momentos críticos da vida das crianças. Porque falta tudo, nesta linha, a Casa do Gaiato é procurada como resposta para todos os problemas da Criança.

Da nossa parte, continuamos a ser fiéis à razão porque nasceram as Casas do Gaiato: casa de família dos sem-família. Nenhum problema dos miúdos que nos aparecem, nos é indiferente. Propomos ajuda, de acordo com a situação de cada um deles. Porém, o acolhimento é para casos extremos. Hoje, de manhã, uma família abordou-nos, trazendo um pequeno pela mão, a pedir que o recebéssemos. Quem dera ter mais lugares que não fossem os corredores dos quartos onde dormem! Não ficou. Vamos ajudar aquela família com livros escolares, vestuário e o mais que for necessário, até podermos receber o menino, encontrado na rua, há bastante tempo. Outro caso, desta vez trazido por alguém altamente colocado na sociedade, teve resposta diferente: o pequeno vai frequentar a nossa Escola, enquanto o vamos acompanhando, e regressa, depois, ao lar que o acolheu. São formas de ajudar.

A sociedade está vazia de estruturas que apoiem o melhor desenvolvimento dos filhos que têm meios para o aproveitarem; e, pior ainda, dos filhos que pouco ou nada

Continua na página 3

À direita, lobrigamos o novo edifício das Escolas de Benguela — em construção.



Conferência de Paço de Sousa

CONTAS/96 — Para além da secura dos números, as Contas da nossa Conferência têm valores inestimáveis!

O ano passado, pelo GAIATO, recebemos dos seus Leitores um pouco mais de quatro mil contos — para os nossos Pobres. Valor distribuído do seguinte modo: mil e setecentos, em auxílios domiciliários; mil quatrocentos e quarenta, por Autoconstrutores e na reparação de quatro casas do Património dos Pobres; seiscentos, em cuidados de saúde: remédios, próteses, outras coisas mais; quinhentos e quarenta e cinco, divididos por Conferências e órgãos da Sociedade de S. Vicente de Paulo; sessenta contos em material didáctico para alunos necessitados.

Conseguimos obter um posto de trabalho para um deficiente! Damos ênfase ao facto, porque, hoje, é como «encontrar uma agulha no palheiro». Amenizámos alguns calvários. Estimulámos outros Pobres no caminho duma vida melhor.

SOLIDÃO — Último domingo de Janeiro. Batemos à porta de dois velhos amigos, visita que teria de ser discreta.

Cancelo aberto, entrámos na cozinha. O doente estava só, embrulhado num xaile. A irmã, com visível sacrifício, lavava roupa d'ambos no quinteiro.

Andam pelos oitenta anos. Foram de muito trabalho, medalhado nas mãos calejadas. Têm família, mas dispersa. A soma das pensões mal dá para alimentação, remédios, luz, outras coisas mais.

Numa saca levámos alguns mimos. «Não queremos que se saiba...!», exclama ela, com as mãos na cabeça. «Avisaremos quando não aguentarmos mais...»

Conversámos acerca de ajudas na limpeza e arrumação da casa, na confecção de refeições durante o dia.

Revelaram também a Força anímica que lhes advém de cerimónias religiosas transmitidas pela Rádio, pela Televisão — obviamente incapazes de andar por lá. E já na despedida, o doente acrescenta que, tendo as pernas presas e a pobre irmã sem forças, precisa diariamente de quem o levante da cama e o deite.

PARTILHA — Cheque da assinante 32436, de Abelheira, «para ajudar um irmão ou irmã com medicamentos e outras coisas necessárias». Dez mil, da assinante 14708, de Minde. Assinante 113, do Porto, com «sobras (de contas em ordem) para serem entregues à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Da Rua S. João da Praça, Lisboa, um óbolo «por alma da esposa». Cinco mil, da assinante 14802, e, «por favor, não publiquem nomes». Assim procedemos, normalmente. Vancouver — Canadá, a assinante 32317 põe contas d'O GAIATO em dia e, «se algo sobrar, será entregue a algum Pobre dos mais pobres da Conferência». A remessa habitual da assinante 57002, da Senhora da Hora, «pequeno contributo do mês de Janeiro, que já vai atrasado».

Dez mil, da assinante 9708, de Coimbra, «partilha que talvez seja oportuna na conta da

Pelas CASAS DO GAIATO

farmácia». Muito bem! Mais outra samaritana, que aparece assiduamente, a assinante 14493, da Rua da Boavista — Porto, «com a contribuição do mês de Janeiro, agora fragilizada pelo 'desaparecimento' de um irmão muito querido, que partiu calmamente e não de mãos vazias.» Deus é sumamente Misericordioso!

Mais dez mil, do assinante 9790, de Oliveira do Douro (V. N. Gaia), perorando «uma oração ao Senhor pelos pais e sogros que partiram, há muito». Idem.

Assinante 31104, presença de longos anos, com a mesada habitual, «referindo aqueles que sofrem; e como sofre muito, tenho pena deles. Para suavizar o seu calvário e com o coração e o espírito no Senhor, remeto, na medida das minhas posses, aquilo que vou podendo. Que Deus esteja com todos».

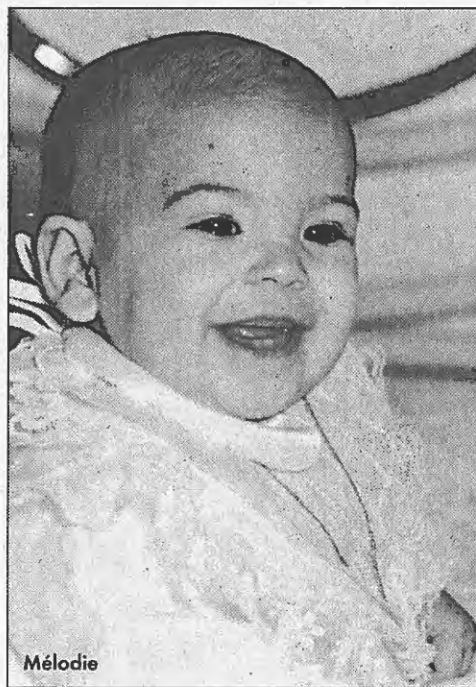
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CARAS NOVAS — Nos últimos meses temos recebido alguns rapazes.

Também há os que chegam e, após uma semana ou duas, não os vemos mais...!



Melodie

Espero que os últimos estejam bem e, sabendo que a vida na Rua é difícil, não se arpendam de estar na Casa que lhes abriu a porta para o futuro.

A NOSSA ALDEIA — Para quem vive numa cidade, quase nada lá tem da Natureza.

Aqui, a nossa Aldeia é uma Natureza em flor. Temos belas árvores, bons sítios para convívio e ar puro.

É bom ver os campos cultivados, os animais a pastarem a erva que nasce da terra e dão

trabalho e ajudam ao crescimento das vacas.

OBRAS — O hospital com mais uns retoques, se tudo correr bem, ficará pronto brevemente.

Agora, também já estão a acabar o que há muito tinham começado — as obras no salão de festas.

CARNAVAL — Já passou. Não faltou quem se divertisse. Aqui, se alguém se molhou muito ou levou com farinha ou ovos, não se chateou. É Carnaval. Ninguém leva a mal.

Rui

DESPORTO — Em 25 de Janeiro defrontámos o Grupo Desportivo de Canelas. Não começaram bem o jogo, mas, no fim, tudo correu normalmente: 4-4.

No dia 26, os seniores jogaram com o Grupo Recreativo de Mouriz. Mais um empate a duas bolas.

No mês em curso, mudámos a tática da equipa e apareceram melhores resultados. No dia 1, ganhámos por 4-1 ao Grupo Desportivo de Torrão. Um jogo limpo e com bastante garra das duas equipas. No dia seguinte, defrontámos o Futebol Clube de Santa Marta. Jogo fácil e uma grande cabazada: 15-2.

Para marcação de jogos é favor telefonarem para o Daniel 02-570300, o «Albuquerque» 055-752285, pelo fax 055-753799, ou escrever para Grupo Desportivo Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa.

«Albuquerque»

Crónica do Lar do Porto

ESCOLAS — Uma vez mais, encontramos-nos numa

Diáspora

Carta do Nave com bela foto da Mélodie:

«Eu e os meus voltámos ao Luxemburgo, ao país do trabalho. A viagem correu bem, embora estivéssemos doentes, pais e filhos, com gripe.»

«Estava ansioso por chegar. A assistência médica é melhor, bem organizada. O sistema de Saúde em Portugal deixa muito a desejar. Aqui, vamos ao médico, pagamos e depois mandamos a factura para a Caixa e somos reembolsados.»

«Logo que cheguei, telefonei ao médico às 10 h. Veio ao meio-dia e examinou os cinco. Foi tão simpático que só facturou uma visita ao domicílio e uma consulta.»

«A última semana, aí, de 10 a 15 de Janeiro, será para esquecer quanto a idas ao hospital.»

fase crítica do ano lectivo. Neste momento, devemos dispendir o máximo de tempo possível para nos dedicarmos ao estudo. É que se prestarmos atenção, o final do ano é já ali. Pouco falta para terminar o segundo período e o terceiro quase nem se dá por ele...

Como sempre, as aulas tiveram mais um intervalo, para se comemorar o Carnaval. Contudo, esperemos que os estudantes não se coloquem à sombra da bananeira. É certo e sabido que as aulas param e os alunos perdem o ritmo de estudo. Esperemos, pois, que isto não aconteça desta vez, pois o futuro somos nós.

Daniel «Cenoura»

MIRANDA DO CORVO

OFICINAS — Os carpinteiros estão a fazer os bancos e as mesas para a sala de jantar do Lar de Coimbra.

Na serralharia repararam os portões.

GADO — Vieram cá veterinários e técnicos de pecuária que vacinaram e desparasitaram as vacas e as cabras.

SAÚDE — Alguns rapazes estiveram com papeira. Ficaram isolados para não contagiarem outros, mas alguns não resistiram a fazer-lhes uma visita e, agora, estão de cama!

CARA NOVA — Recebemos outro miúdo, o Daniel, que tem onze anos. Veio de uma terra perto de Penafiel. Não frequentava a Escola porque guardava vacas. Em nossa Casa a Escola é uma das tarefas mais importantes.

Cronista X

MALANJE

Após dezassete anos, regresssei à Casa do Gaiato de Malanje, já reconstruída, depois de tanta guerra devastadora.

Encontro o meu Padre Telmo sempre com aquela vontade de trabalho, de educador. E cerca de 160 crianças educadas como mandam as regras da Obra da Rua, que necessitam do carinho de todos nós.

O nosso Padre Telmo pensou na construção dum ringue de patinagem.

Como técnico de electrónica e electricidade pensei numa antena parabólica... porque não conseguimos captar a televisão de Malanje. Fica o meu SOS.

«Marcelino»

TOJAL

JARDINS — Já os começámos a arranjar, uma vez que a Primavera se encontra aí à porta.

CARA NOVA — Chegou um novo companheiro que se chama António Santos.

FUTEBOL — Mais uma vez alguns dos nossos rapazes tiveram a oportunidade de assistir a um grande encontro de futebol entre o Sporting Club de Portugal e o Boavista Futebol Clube — pela oferta de alguns bilhetes para o desafio.

TROCA — Houve oportunidade de mudar os sofás e armários de um dos quartos.

Esperamos que o mesmo aconteça nos restantes.

Araldo Santos

BENGUELA

SERRALHARIA — Está a funcionar. Os rapazes fazem janelas para a futura Escola do 2.º nível e também as madres para aumentar a nossa vacaria.

Temos falta de um mestre que nos ensine a fazer outras coisas mais.

ESCOLA — No passado, só tínhamos a Escola do 1.º nível. Alguns não podiam estudar nela, por causa da idade. Graças a Deus, futuramente, teremos o 2.º nível, no edifício que o nosso Padre Manuel mandou construir.

AGRICULTURA — Os rapazes semeiam o capim «guatemala» para as vacas leiteiras e outros fazem a colheita dos frutos das mangueiras e das bananeiras. É pena que alguns rapazes atirem pedras às mangueiras porque, assim, não se aproveitam os frutos.

Que bonito, em 16 de Dezembro recebemos o terreno do «Porto»! Que lindo campo com abacates, mamoeiros, coqueiros, bananeiras e mandioca! É pena não termos água suficiente porque levaram os motores e os tubos dos furos. Se os Amigos estivessem aqui perto, pediríamos mais três motores para colhermos água para regar as plantas...

Manuel José

RETALHOS DE VIDA

Fábio



Sou Fábio Daniel Cerqueira da Cunha. Nasci a 13 de Janeiro de 1986, em Vila do Conde, bonita cidade à beira-mar.

«Porque a minha mãe andava por lá e não podia aturar os filhos, estive à guarda dum Centro de Acolhimento, no Porto, de onde vim para a Casa do Gaiato em 7 de Outubro de 1990. Esta nossa Casa é muito linda! Sabe tão bem à gente, viver aqui!»

«Não sei o nome do meu pai. Sempre ouvi dizer que é um desconhecido. Não sei os nomes dos meus irmãos nem das minhas irmãs. Também não sei quantos são.»

«A minha mãe nunca me visitou!»

«Quando vim para Paço de Sousa era muito pequenino. Fui colocado na casa-mãe, nos quartos dos «Batatinhas» que têm uma senhora a olhar por nós — como se fosse a nossa mãe.»

«Jogo a bola. Ando de bicicleta. E estudo na quarta-classe com amigos meus.»

«Quando for grande, quero ser padeiro.»

«Aqui, na Aldeia dos Gaiatos, não nos falta nada. Temos tudo o que é preciso para, amanhã, sermos homens prà vida.»

Fábio

Passo a passo

SE já se viu! Um rapaz de quinze anos, em plena baixa portuense, bola de couro na mão no regresso da Escola, com ela brincando enquanto caminha para casa! Foi isto mesmo que eu vi quando a semana passada me desloquei ao nosso Lar do Porto. Era o «Cato»!

Também uma senhora de idade, antiga Assistente Social como disse, reparou no moço e no seu ar traquina. Quis saber pela boca dele o nome, donde era e a idade. Ao despedir-se, um elogio para o «Cato» que não o deixou elogiado: «És um bonito rapaz!»

Cada um com o seu jeito. Mas o «Cato» leva vantagem com esta simplicidade e afa-

bilidade que são verdadeiramente um dom. Não para ele primeiramente, mas para nós que o vemos e conhecemos. A lógica divina passa por aqui: os dons são para comunicar e não para possuir, em tudo... como se não possuísse.

Estamos no tempo da Quaresma. Quarenta possibilidades de vinte e quatro horas para caminhar em busca do libertar-se: no ter e no ser. É o tempo favorável de viver, pondo em comum os dons e não como quem os possui. Afinal quem pode dizer: «Isto é meu!», se nada levará consigo?; e quem pode afirmar: «Eu sou...!», se não sabe qual é o número dos seus dias?!

Há muitos ideais representando a Liberdade. Mas uma só experiência nos dá a certeza interior de a termos alcançado: o encontro com Deus na pessoa do Seu Filho. O velho Simeão o exprime: «Agora Senhor... deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a Vossa Salvação...»

Ver a Salvação, ver a Liberdade na Pessoa de Jesus. Ao contrário do mundo, em que ser livre é não ser dependente dos outros, em Jesus é ser para os outros, com o que se tem e o que se é.

O «Cato» é um dom; a Quaresma é um dom. Ser um dom é dar e dar-se.

Padre Júlio

TRIBUNA DE COIMBRA

Diante duma casa em obras

ESTOU diante duma casa em obras. É a nossa Casa. A Casa do Padre Américo e dos seus filhos, os filhos dos Pobres. Gosto deste pensamento. Vem de «cima» e faz erguer-nos.

Enquanto se levantam paredes e cobrem telhados, há em nós uma vontade: a de colocar em cada coisa renovada o bem de cada Rapaz. É por causa deles.

É um desejo íntimo de devolver a cada Rapaz um espaço de dignidade e de afecto. São condições para que um discurso educativo alcance êxito. Até a beleza diz mais de Deus que as próprias palavras.

Renovar. É algo que vem de dentro. Não é um discurso de circunstância ou de moda. É uma luta contra as trevas que mergulharam muitos deles numa infância infeliz — sem casa, sem pão, sem escola, sem Deus e sem amor.

Vivem como fantasmas, adormecidos, na alma de alguns, noites e dias de solidão. Era então, a Rua, um confidente amigo. Quantas estações do metro, aquecidas pelo deambular quotidiano dos passageiros, um leito à noite apetecido.

Travar na alma deles o sonho da fuga para um «país» livre — a Rua. É tão difícil segurar alguns nesse momento da adolescência, em que, como gigante adormecido, as vivências de uma infância dolorosa se vestem de cores quentes e afectivas, aliciantes. A Rua tem enormes atractivos!

Flávio Daniel e Zé Carlos estiveram connosco dois anos. Pode dizer-se, eram há muito tempo da Rua. Mas era enorme o meu contentamento ao vê-los felizes, em nossa Casa. Éramos família. Mas lá dentro dorme o tal gigante: o abandono. E quando este se ergue, destrói e mata.

Sofremos todos com a fuga deles. Passámos dias sem rasto. Porto e Lisboa são grandes cidades e os males comuns. Nem familiares nem polícias a quem pedimos ajuda: — *Ó sr. Padre, eles, os meninos da rua, são às centenas...!*

Ao fim de quinze dias um foi ter a casa de familiares próximos. O outro ainda não regressou!

Quinze dias... Tanto tempo! Por onde? Contam muitas histórias... A Rua tem muita força! Noutros tempos não tinha tanta «autoridade». Hoje, parece ser um verdadeiro «comando».

Padre João

DOCTRINA



Tomar crianças assim é abrir o caminho do Céu

SENHOR Alentejano: Chegou a maré de lhe pedir o dinheiro da passagem para o nosso reumático que deve seguir para as Caldas dentro de breves dias; ele para as da Rainha e eu para as do Gerês. A sorte desta família tem sofrido duras provas que nos pedem mais simpatia e sacrifícios maiores: a mãe do pequenino acaba de entrar no hospital, com pulmões! Na minha derradeira visita dei com o pai sentado na cama, sozinho, a embalar o filho com olhos embaciados. Contou-me de como sua mulher baixara à cama, de como tinha pedido alguma coisa para ovos, de como desejava ver o filhinho e de como ele não tinha nada que lhe dar nem forças para lá ir. Oh mundo infeliz! Oh civilização derrancada que deixas cair no chão o teu semelhante!

O quarto é uma toca com luz de sol posto; o desconforto de tudo faz-nos arrepiar; o berço é peça desconjuntada; o pequenino, flor amortecida. «Como não tenho azeite nem petróleo», disse, «cuido que lhe dou a papa na boca e tem calhado meter-lha nos ouvidos» — o que seria grande paródia se não fora grande tragédia. Que farias tu da criancinha se estivesse no meu lugar?! Pois eu fiz precisamente a mesma coisa: tenho-a no meu quarto de dormir. Só hoje apreciei o bem que não é, ter no mundo uma casa onde a gente possa riscar! Só hoje reconheci a vantagem de pagar renda do número dezoito da Rua da Trin-

dade. Nunca, como agora, sinto o dever de andar de gatas pelas ruas de Coimbra, por amor de todos quantos me fazem bem!

TENHO o menino abrigado. Ele é simplesmente encantador! Trouxe comigo a receita do alimento e o bercito desconjuntado; trago nos meus olhos as lágrimas do pai e, no meu corpo, a doença que consome a mãe. Fez-se um pequenino colchão de material fresco, deu-se um grande banho ao inocente e colocou-se na varanda da casa que diz para a Ínsua dos Bentos. Ai que se tu visses a cara do pequenino virada à imensidade do Céu, de onde Deus o espregueia...! À tarde, chegam das oficinas os habitantes do Lar do Ex-Pupilo dos Reformatórios. Indagam. Dão gargalhadas. Todos lhe querem pegar. Um que está doente no hospital, pede que lhe levem o menino! A criança é tua, agora, porque minha. De ti há-de vir o alimento; de ti, o vestuário; de ti, as lágrimas ao leres esta notícia; de ti, finalmente, o sentimento das crianças perdidas nos solos beligerantes, deixando atrás de si mães perdidas... de incerteza e de dor.

AQUI tem, senhor Alentejano, o que hoje se me oferece para lhe narrar. Dentro de breves horas parto para o Norte. Como não espero bota-fora na estação nem nas paragonas do estilo nas gazetas do dia, resolvi fazer a festa eu sozinho e boto aqui os foguetes. De lá mandarei notícias a todos; e também as recebo, se m'as quiseres dar para o Hotel Universal — Gerês. Vou contente como os passarinhos, por haver deixado um anjo no meu ninho. É bem Santuário de Almas, a Obra a que me devoto.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

Continuação da página 1

tém. É um verdadeiro desafio ao amor criativo de quem se interessa pela sorte dos Outros. O trigo está preparado para a ceifa. Diante dum horizonte em que quase tudo está por fazer, como é possível ficar calado

Benguela

e não gritar por operários para a messe?! De repente, me veio à memória a Parábola dos trabalhadores da vinha (Mt. 20). O Senhor passa todo o dia, e todos os dias, a chamar gente para a Sua vinha. Não quer ninguém ocioso, ninguém enfasiado por não ter algo a fazer que valha a pena. O problema é «ir». A qualquer hora? Sim, ir a qualquer hora da vida.

Há vinte e cinco anos chegaram as Monjas Dominicanas Contemplativas

A avenida das mangueiras, à entrada da nossa Casa

do Gaiato, é palco da celebração festiva, com a Eucaristia em primeiro lugar, dos vinte e cinco anos da chegada das Monjas Dominicanas Contemplativas a Benguela. Foram acolhidas, durante os primeiros quatro anos, nas instalações primitivas da Casa do Gaiato. Os rapazes daquele tempo recordam a convivência fraterna, alegre e comprometida desta Comunidade de Irmãs. Vivem exclusivamente para o louvor a Deus e o serviço dos homens pela via contemplativa. São uma riqueza para a Igreja e para a Humanidade. A ligação entre o Mosteiro «Mãe de Deus» e a Casa do Gaiato é tão forte que se não pode falar da história do Mosteiro sem falar da história da Casa do Gaiato. Bendito seja Deus! Quantos benefícios recebidos que não se podem contar! Por isso, nesta hora de Festa grande, associamo-nos à alegria e à gratidão da Igreja de Benguela e de Angola.

Padre Manuel António

Retalhos de cartas

Continuo a receber O GAIATO que é sempre leitura apetecida, não apenas pela Verdade que divulga, mas, também, devemos reconhecê-lo, pela qualidade da forma literária com que continua a fazê-lo na melhor tradição do seu Fundador.

Assinante 23765

Vejo muito mal, e até estou quase proibida de ler; mas não resisto a O GAIATO que é quase como o meu livro de meditação, lido aos poucos, pensado e saboreado, e, muitas vezes, comovida até às lágrimas.

Assinante 21840



Paço de Sousa — «Mãe» Preciosa com os seus «Batatinhas».

Malanje

Soputódias e mangueiras

As soputódias não param de chorar! Lágrimas de alegria na explosão dos seus cálices vermelhos! Lindas! Mesmo não sentindo as nossas dores nem esperando gratidão, elas oferecem, em cada Primavera, as taças vermelhas nas grandes bandejas de suas capas verdes. Numa, os mais velhos prenderam um arco-cesto e, todos os dias, assiste, sorrindo, aos mini-jogos de basquetebol.

Acolhedora esta velha árvore! Quando a plantámos prendeu-se com gana à mãe-terra e, contente, assistiu ao nascimento da nossa Aldeia e viu crescer todos os meninos.

Depois, vieram os dias da guerra. Viu-nos sair e, nesse dia, foram mesmo lágrimas de verdade. Aguentou soldados, máquinas de guerra e tiroteiros. Mas em nenhum ano deixou de ofertar a sua manta vermelha.

Numa noite de luar atirei-me a entrar na nossa Aldeia e ao passar por baixo dela os cálices dorminhocos murmuraram baixinho:

— Quando voltam os meninos?

— Virão, de novo, respondi.

E cá estamos! E ela contemplando, feliz, as nossas correrias.

Que direi dos nossos pomares de mangueiras que, há vinte anos, foram plantadas pelo nosso Fernando Dias e pelo Octávio? Carregadas de mangas, que, como brincos oscilando às brisas, se oferecem.

— Quantas comeste hoje, Tony?

— Só cinco.

Também elas resistiram à guerra e às queimadas selvagens para, agora, de novo, ofertarem esta fartura em beleza.

Sinal de paz e de vida

A nossa carpintaria não tem mãos a medir! Ele são portas e janelas, secretárias e armários, estrados e balcões. Uma nova seiva entrou na veia da cidade! É bem um sinal de paz e de vida.

Bendizer

O Darito, ao chegar do altar, perguntou baixinho:

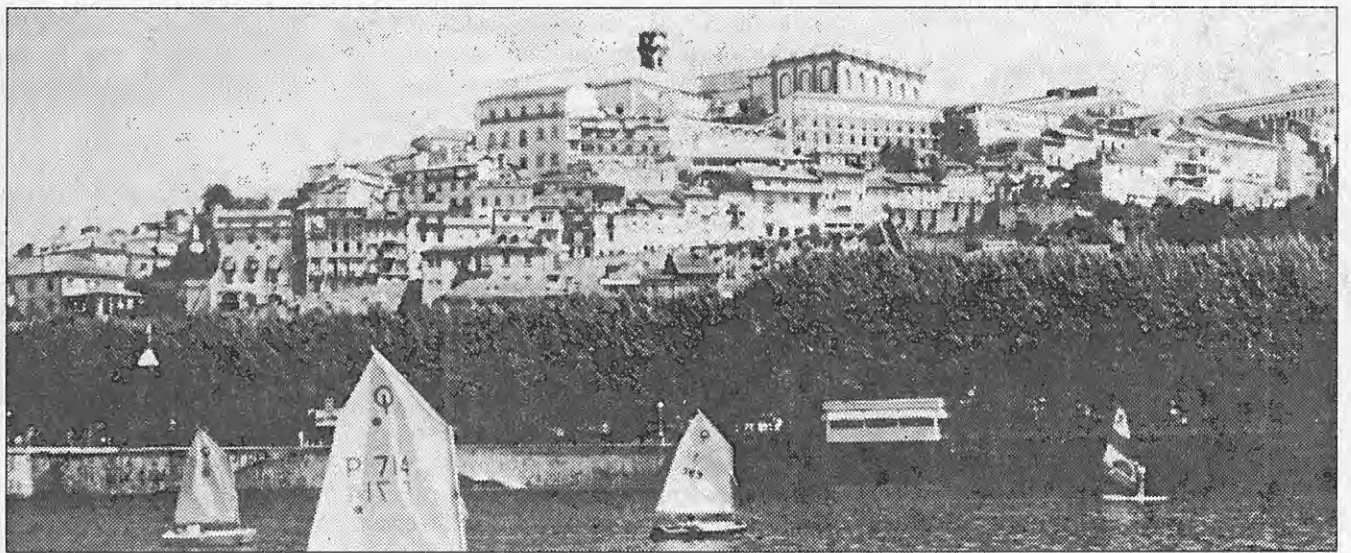
— Que quer dizer bendizar?

— Não é bendigar, é bendizer.

Depois expliquei que bendizer, é dizer ao Senhor palavras de amizade e que Ele é bom e maravilhoso. Sorriu e foi.

Fiquei pensando. Em vez de louvarmos o Senhor pelos dias claros; pelos filhos; por todo o bem que nos acontece; pela Natureza bela e fascinante — enchamos o coração de calhaus roliços que fuscam e nos dão infelicidade: o dinheiro, a ambição do ter, o nosso «eu» que pontifica em todos os nossos actos, a procura quotidiana dos prazeres... Deus de lado ou a um canto — quando não banido, simplesmente.

Padre Telmo



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Coimbra — a «Briosa»

MAIS uma vez demos volta pelos arrabaldes da cidade. Procurámos passar pelos locais onde há anos havia bairros de barracas ou barracas solitárias. Nesses mesmos sítios, hoje, encontramos habitações decentes ou terrenos para outros fins.

Recordamos os bairros: de latas da Conchada, da Casa do Sal, da Estação Velha, do Ingote, do Alto de Santa Clara, as barracas dispersas no Bairro de S. Miguel.

Inquietação sacerdotal

Sou assinante d'O GAIATO há já muitos anos. Nem sempre o leio, como devia. Quando o consigo fazer, fico muito sensibilizado. Desta vez, o primeiro número de Janeiro/97 abalou-me!

Na minha responsabilidade de assistente espiritual dum Instituto Secular, senti o dever de alertar os seus membros para a leitura e meditação d'O GAIATO. Alguns já são assinantes. E mais oito pedem que lhes enviem o Jornal (incluindo os dois números de Janeiro).

Assinante 19976

A Cidade está agora rodeada de bairros airosos: Fonte do Castanheiro, Marechal Carmona agora Norton de Matos, Loreto, Santa Clara, Ingote, da Rosa, de Celas e outros. Uns camarários e outros sociais. Na aparência o aspecto é outro.

Os governantes parecem mais atentos ao problema da Habitação. A Imprensa noticiou «um plano para desenvolver a qualidade urbana»,

com atendimento nos bairros em dia e hora marcados. Talvez caminhos de verdadeira burocracia. Esperamos que chamem a atenção para que a atribuição de moradias seja justa, pois há famílias numerosas a viver em habitações com muito limitada capacidade, e enquanto a famílias reduzidas atribuíram residência espaçosa. Que os acabamentos sejam bons, para que não haja fendas profundas nas paredes ou muita humidade nas casas. Procurar que Coimbra seja, verdadeiramente, a Briosa.

Na Cidade antiga, quer na Baixa quer na Alta, encontramos ruas estreitas intransitáveis, ruelas e vielas sem piso em condições. Muitos edifícios sem sol, sem água, sem luz. Muitas paredes sujas, por cair, telhados esburacados e remendados. Escadas de acesso perigoso.

Há sessenta e dois anos, Pai Américo sentindo a vida e o viver dos Pobres e Doentes com a paixão de conseguir abrigo para os filhos deles, escrevia:

«Enquanto as grandes artérias mudam de nome consoante as paixões mai-los acontecimentos do tempo, os becos e vielas tomam a sorte de quem lá mora — nem nome nem condição. Ninguém faz caso. Se os perigos dos Alpes são grandes pela altura, aqui não são menores pela escuridão. O sol passa mas não entra.»

Pelas notícias que vão chegando, esperamos que o plano de reforma da Cidade antiga vá para a frente, sem alterar a própria traça. Que a novidade que ouvimos da construção de mais trezentas e tal moradias para famílias carenciadas seja uma realidade.

Já não faz sentido que ao lado de monumentos antigos e cheios de arte, como Santa Cruz, Torre de Anto, Sé Velha, Santa Clara-a-Velha em recuperação, Universidade Antiga, Museu Machado Castro, Sé Nova, frontaria do Seminário, Quinta das Lágrimas e tantos outros, estejam rodeados de casas que parecem antros abandonados.

Que Coimbra, em breve, possa ser também classificada como Património Mundial.

Padre Horácio

PENSAMENTO

Senhor do Céu, que eu caminhe sempre por vias ásperas e de alma alanceada pela sorte dos meus Irmãos.

PAI AMÉRICO

SETÚBAL

O drama dos Pobres intui-se

Continuação da página 1

um autêntico labirinto. A mesma cor nos desmedidos prédios. Os mesmos lanços de escada em cimento, terminando sempre em compridos corredores externos e sobrepostos nos quatro andares, dando entrada inalterável a muitos apartamentos; o aspecto sujo, degradado e riscado das paredes exteriores dificultam muito a localização das famílias, a qual se consegue dificilmente por letras e números.

Depois de muito subir e descer e passar de um quarteirão para outro, lá chegamos.

Afinal já conhecia o menino. A mãe já me havia falado. Várias vezes visitara a sua casa velha, a cair. Ali, era a do tio.

A senhora Assistente bate à porta e entramos. O tio é guarda nocturno e, naturalmente, àquela hora, dormia. Acordado pela jovem esposa vem dizer que não. Que o menino lhe fora entregue pelo Tribunal e que o desejava criar.

Calei-me. Ora muito bem — disse comigo. Mais ainda com o Tribunal metido, sem a família querer, aqui ao pé da porta, num campo aberto como é a nossa Casa, que faria eu do rapaz?

A Assistente Social ficou embaraçada e procurou justificar o seu interesse diante da família, dada a incapacidade já demonstrada de acolher a criança e os contínuos pedidos a si chegados da parte dela.

Fechada a porta, percorremos de novo o longuíssimo corredor e descemos os escadórios a par. Consolei a senhora que vinha singelamente magoada: — A vida é assim!... Os Pobres são assim! Vamos estar atentos. Não se preocupe comigo!

Isto passou-se, há quinze dias.

Ontem, sábado à noite, após o toque para o Terço do Rosário, já os rapazes entravam para o refeitório, onde, antes do jantar, rezamos aquela oração, entra-me o Hélder Luís pelo escritório adentro: — *Estão ali umas senhoras que lhe querem falar.*

Conheci-as de imediato. A mãe, a mulher do tio e o referido miúdo.

A vida daquela mãe é um mar de amargura. A sua morada uma espelunca horrível, onde acolhe um irmão toxicodependente e com ele reparte o que arranja, Deus sabe como, no submundo negro da marginalidade!

Entra-nos dentro da alma um dó imenso que nos faz perceber o modo terno como Jesus acolhia estas pessoas e lhes dava ânimo. Sentimo-nos instintivamente no Seu lugar e assenhoriemo-nos de uma consolação indizível, saboreando o posto a que Ele nos predestinou.

Vinham por causa do menino. É que, agora, o irmão do tio, dono da casa, não quer lá o rapaz.

Mandei-as sentar e conversámos longamente, enquanto ouvíamos na sala contígua as Avé-Marias e as Santa-Marias, dos rapazes, mais o barulho usual do jantar.

É uma obrigação ouvir os Pobres e perceber pelo que eles dizem o que nos querem esconder, mais o que pretendem revelar. O drama dos Pobres intui-se.

A nossa arma e a nossa segurança é o amor. Mais nada. Não nos podemos agarrar a mais nada.

O diálogo com eles sobre o que é uma Casa do Gaiato e o seu compromisso de colaborar connosco, mostrando já os perigos de amanhã, são ainda a única segurança em que periclitamente podemos confiar. Todas as outras estruturas de apoio a Menores da Rua são pura ilusão para uma Casa do Gaiato.

O miúdo não ficou. A mãe levou um colchão e roupa de cama para ele, mais o propósito de o ir desvincular de quem o tutelava e, depois de pensar, mo vir trazer.

O pequeno tem doze anos. Anda na segunda classe, sem nada saber da Escola. Administrativamente.

Tem na pele e na alma profundas chagas — de cura completa quase impossível. Vamos a ver o que fará o nosso carinho, uma alimentação integral, a higiene, a cama lavada, o ambiente acolhedor e são, o ar puro e livre desta Casa, mais a Escola e a afabilidade dos professores.

É assim a nossa vida!...

Padre Acílio